

O BOM JESUS DO MONTE DAS MÓS - - Martins Capela e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus

Amaro Carvalho da Silva

OBS. – Texto publicado em *Lusitania Sacra* – Lisboa, 2.^a série (8/9), 1996/1997, pág.s 171 - 244.

Índice

Introdução

1 - Notas históricas sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus

2 - O monumento ao Bom Jesus do Monte das Mós

2.1 - Pequeno esboço da obra e personalidade do Padre Martins Capela

2.2 - História da construção do monumento do Monte das Mós

2.3 - A devoção ao Coração de Jesus do Monte das Mós

2.4 - A situação actual do monumento do Monte das Mós

3 - O Bom Jesus do Monte das Mós no *Diário* do Padre Martins Capela



Foto: Amaro C. Silva – 26/8/1996



Foto: Amaro C. Silva – 26/8/1996

Introdução

O *Diário* do P.^e Manuel José Martins Capela (1842-1925), um manuscrito em 4 volumes com mais de 2.000 páginas em folhas pautadas de 35 e 50 linhas, é um manancial de informação sobre o período em que ele foi redigido *diariamente* (1891-

1911).¹ Porque já iniciamos o seu estudo com a elaboração de dois trabalhos, um sobre «Martins Capela, um divulgador do neotomismo»² e outro sobre «O Partido Nacionalista no contexto do Nacionalismo Católico (1901-1910)»,³ julgamos oportuno continuar o estudo desse inestimável manuscrito, agora divulgando a devoção de Martins Capela ao Coração de Jesus e a realização de uma das obras mais significativas desse «presbítero bracarense», o levantamento de um monumento ao Sagrado Coração de Jesus na sua aldeia natal (Carvalheira - Terras de Bouro) no sítio chamado Monte das Mós. A história da construção do monumento do Monte das Mós encontra-se toda relatada no *Diário* do P.e Martins Capela e é aí que se situa o nosso ponto de partida para o presente trabalho. Deste modo, foi fácil encontrar um fio condutor para a elaboração do presente trabalho. Isto é, seguiremos de perto o manuscrito e divulgá-lo-emos como um inédito a necessitar de sair da caverna dos arquivos para ser exposto à luz do sol das ideias.⁴

Atendendo ao momento conturbado da sociedade portuguesa, na transição violenta da Monarquia para a República, do século XIX para o século XX, o monumento ao Coração de Jesus no Monte das Mós foi erigido como um símbolo ou um facho que se levanta bem alto para dar testemunho de uma crença e de um combate de um coração dedicado e apaixonado. Encontro do amor de Cristo pelos homens e do amor dos homens pelo seu Deus. O coração como lugar da afectividade e como doação, o homem como cavaleiro da fé, cruzado, testemunho e apóstolo. A religião como vivência íntima e não um mero preceito social. A importância do sentimento, da emoção e da afectividade no domínio da crença. A racionalidade fundamenta a crença e dá-lhe uma expressão lógica e de coerência, proporcionando-lhe uma leitura, mas não lhe dá os ingredientes mais vivenciais e dinâmicos da fé. Coração é calor, razão é frieza e objectividade.

¹ Este precioso documento encontra-se nos arquivos da Revista *Brotéria*, em Lisboa. Agradecemos à Revista *Brotéria*, na pessoa do Sr. Dr. P.e António Leite-S.J., todas as facilidades concedidas para a consulta e estudo deste *Diário*.

O P.e Martins Capela iniciou a redacção do *Diário* em 28/10/1891, dia do seu aniversário natalício, e manteve-a criteriosamente, exceptuando-se um ou outro interregno, até 31/12/1911. A partir desta data e até ao seu final, em 28/11/1920, apenas encontramos algumas notas soltas e uma ou outra síntese de vários meses, como foi o caso das diligências para a inauguração do monumento ao Bom Jesus do Monte das Mós (1913), em Carvalheira, concelho de Terras de Bouro, terra natal do P.e Martins Capela. Podemos dizer que o *Diário* do P.e Martins Capela termina com o relato da inauguração do monumento ao Coração de Jesus do Monte das Mós. Depois deste relato só foram escritas 8 ou 9 páginas. A última nota do *Diário* (28/11/1920) trata «Da Vida».

Julgamos que o *Diário* do P.e Martins Capela é um documento manuscrito, em grande parte inédito, de elevado valor. Nele poderemos encontrar elementos de muito interesse para o levantamento de alguns temas: desenvolvimento dos estudos arqueológicos em Portugal, movimento neotomista em Portugal, Nacionalismo Católico, História da Igreja Católica em Portugal, estudos nos seminários e formação do clero, imprensa periódica católica, igreja bracarense, História Regional (Braga e Terras de Bouro), etc.

Porque Martins Capela sempre foi um «presbítero bracarense», como ele gostava de dizer, um atento indagador da tradição e um homem de acção, o seu *Diário* não é um documento de grandes reflexões ou análises doutrinárias. O seu *Diário*, conjunto de notas pessoais lançadas diariamente com uma paciência de anacoreta, revela-nos um percurso existencial e subjectivo de um apóstolo que tudo exigiu de si. No frontispício de cada um dos volumes, Martins Capela escreveu: «Nulla dies sine linea».

² *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, tomo XLVIII-2, 1992, pp.321-347.

³ O Partido Nacionalista no contexto do Nacionalismo Católico (1901-1910) - Subsídios para a História Contemporânea Portuguesa acaba de ser publicado pelas Edições Colibri (Colecção «Colibri História», 10), Lisboa, 1996.

⁴ Porque os extractos seleccionados do *Diário* são extensos e constituem a nossa principal fonte de informação, irão aparecer em Apêndice Documental. Para além do *Diário*, também nos socorreremos de um boletim inteiramente elaborado por Martins Capela e que se destinou a recolher fundos e a divulgar a obra ao Coração de Jesus. Este boletim denomina-se *No Monte das Mós em Carvalheira - Monumento ao S. Coração de Jesus* (Boletim), I, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, Braga, Fev. 1909. Utilizaremos o «Boletim das Mós», como sempre lhe chama Martins Capela, como complemento das informações do *Diário* e como texto, em alguns pontos, mais cuidado e desenvolvido. Diga-se também que foram editados dois números do «Boletim das Mós», mas que só conhecemos o n.º 1.

Com os elementos que aqui reunimos, estamos a contribuir para uma monografia do monumento ao Sagrado Coração de Jesus do Monte das Mós. Aliás, a simples selecção dos extractos do *Diário* do P.^e Martins Capela constitui, por si, uma pequena monografia sobre tão singular quão singelo e harmonioso monumento. Pretendemos também divulgar elementos da história regional e nacional e alertar para a necessidade de obras de conservação e restauro deste e doutros monumentos religiosos do Monte das Mós, em Carvalheira. O monumento ao Bom Jesus do Monte das Mós é um significativo e digno elemento do património histórico e cultural do concelho de Terras de Bouro.⁵

O presente trabalho começa por fazer um pequeno esboço histórico da devoção ao Sagrado Coração de Jesus como forma de enquadramento das acções e questões que irão ser enunciadas; em seguida aborda a história da construção do monumento e devoção ao Bom Jesus do Monte das Mós, realçando a acção e personalidade do P.^e Martins Capela; por fim, em Apêndice Documental, faz a transcrição anotada dos principais extractos do *Diário* do P.^e Martins Capela, relativos ao monumento ao Bom Jesus do Monte das Mós, como forma de divulgação de textos inéditos de uma personalidade destacada da Igreja Católica em Portugal.

1 - Notas históricas sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus

O Coração trespassado de Jesus Cristo é um dos símbolos maiores de um culto centrado no amor de Deus pelos homens.⁶ A explicitação desta simbologia do coração, onde, por intermédio de Cristo, se funde o divino e o humano, arrasta consigo uma forma afectiva, íntima e amorosa da relação entre Deus e o homem. É pelo afecto, pela sensibilidade, pelo amor redentor e superador que o humano e o divino se dimensionam um para o outro. Coração como o centro da vida espiritual e afectiva, como força íntima de um ser dirigido para um objecto idealizado e espiritualizado. O coração resume todo o ser na sua entrega incondicional a uma causa.⁷

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus enraíza-se na Idade Média e está ligada à devoção à «chaga do lado».⁸ Do século XII ao século XVII a devoção ao

⁵ Porque conhecemos bem o estado actual deste monumento, achamos oportuno divulgar a nossa posição no sentido do seu restauro e salvaguarda. Refira-se que no jornal *Geresão* - Gerês temos desenvolvido, desde Novembro de 1993, uma ininterrupta colaboração sobre «Património Cultural».

⁶ «Le mot "Sacré Coeur" désigne d'abord le Coeur de chair de Jésus, qui bat dans la poitrine divine. Centre et agent principal de la circulation du sang, le coeur rayonne comme un soleil sur tout l'organisme humain. Roi, empereur du corps, *primum movens, ultimum moriens*, quand il bat c'est la vie, quand il s'arrête c'est la mort. Dans le Christ Jésus ce Coeur de chair est substantiellement uni à la deuxième personne de la Très Sainte Trinité, c'est le Coeur de Dieu. Il fut transpercé sur la Croix par la lance de Longin [...].

«Le mot "Sacré Coeur" désigne non seulement le Coeur de chair de Jésus, il désigne aussi l'amour de Jésus dont le Coeur de chair est le symbole naturel: "Voilà ce Coeur qui a tant aimé les hommes".» («Coeur (Sacré)» in Charles Baumgartner-S.J. (Dir.), *Dictionnaire de Spiritualité*, Tome II-A, Beauchesne, Paris, 1953, coll. 1023-1024.)

⁷ «La dévotion au Sacré-Coeur donne à notre piété une délicatesse, un charme plus humain, tout en lui gardent le respect et la réserve nécessaires à l'amour de la créature pour le Créateur, du racheté pour le Rédempteur. La vie d'intimité avec celui qui nous a aimés à Gethsémani et sur le Golgotha est une vie de douleurs, un martyre: son Coeur de chair, blessé a donné tout son sang.» («Coeur (Sacré)» in Charles Baumgartner-S.J. (Dir.), o. c., col. 1044.)

⁸ «Sabe-se hoje que o culto do Coração de Jesus, na sua modalidade primitiva, derivou da devoção à Chaga do lado que, por sua vez, é um dos frutos da piedade medieval; sendo assim não se falou no Coração de Jesus, pelo menos durante os dez primeiros séculos do Cristianismo, apesar da doutrina cristã se basear toda no amor mútuo de Deus pelo homem, tema super-abundantemente desenvolvido pelos Santos Padres e que está na base da devoção do Coração de Jesus.» [...] «Ora, com a chaga do lado, estava descoberto o Coração de Jesus. Por outras palavras, da abertura do lado (*apertio lateris*) passou-se à abertura do coração (*apertio cordis*), aí pelos séculos XIII e XIV ou seja definitivamente no tempo de S. Bernardo.

Coração de Jesus foi praticada e assumida por algumas congregações religiosas e por algumas almas de eleição que passam da contemplação das chagas à afirmação do amor de Cristo pelos homens.⁹ Várias ordens religiosas mencionam no seu historial a devoção ao Coração de Jesus como uma das formas mais elevadas de piedade e de consagração de uma vida. Na Idade Moderna, foi por intermédio de S. João Eudes (1601-1680) que a França obteve o culto litúrgico do Coração de Jesus, apesar de esse culto não ser estendido pela Santa Sé à igreja universal.¹⁰ Com as aparições do Coração de Jesus (1673-1675) a Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), Visitandina francesa discípula de S. Francisco de Sales, esse culto e essa devoção propagou-se por todo o mundo católico, atribuindo-se a Santa Margarida Maria Alacoque e ao seu director espiritual P.^e Cláudio de la Colombière-S.J. (1641-1682)¹¹ a definição actual da devoção ao Coração de Jesus. Estes dois apóstolos do Coração de Cristo vão suscitar as mais diversas petições aos Papas para que este culto se instituisse universalmente. Após múltiplas diligências e iniciativas, por decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, de 26/1/1765, a Santa Sé autoriza os bispos da Polónia a celebrarem uma missa do Coração de Jesus.¹²

Em Portugal «Frei Jerónimo de Belém [franciscano, natural dos Arcos de Valdevez (1692-1766)] pode considerar-se como o verdadeiro introdutor da devoção do Coração de Jesus que ele propagou de maneira invulgarmente intensa, com um zelo que ainda não foi igualado, em obras reveladoras de muito saber e erudição [...].»¹³

D. José de Bragança, arcebispo de Braga, «instituiu em 1774 na Igreja do Colégio de S. Paulo da Companhia de Jesus, hoje Seminário arquidiocesano [de Santiago],¹⁴ uma Irmandade com o fim de festejar todos os anos solenemente aquele Sagrado Coração.»¹⁵ Por sua vez, também em Braga, iniciam-se, em 1784, as obras do templo ao Bom Jesus do Monte - «Santuário da Paixão» -, obra de Carlos Amarante.¹⁶

Um dos monarcas portugueses que mais se distinguiu na devoção ao Coração de Jesus, no período imediatamente a seguir à governação do Marquês de Pombal, foi a rainha D. Maria I que obteve de Pio VI o dia do Coração de Jesus como dia de

«S. Boaventura, Santa Matilde e Santa Gertrudes representam este estado da devoção em que o coração já aparece mas quase sempre ainda unido à chaga do lado, um ou outra vez, como símbolo de amor e órgão da vida afectiva.» (in Bernardo Xavier Coutinho, *Álbum da Exposição de Arte Sacra sobre o Coração de Jesus e o Coração de Maria*, Liv. Apostolado da Imprensa, Porto, 1946, pp.3 e 4.)

⁹ «À partir du deuxième millénaire, les auteurs mystiques passent de la contemplation des plaies à l'expression d'un amour explicite pour le coeur ouvert, jamais refermé, du rédempteur. Ils se réfugient dans ce coeur, arche de la Nouvelle Alliance. Ils y font - au milieu des tentations et des épreuves - leur demeure. Ils veulent, avec saint Bonaventure, lui rendre amour pour amour. La dévotion privée au Coeur de Jésus est née et ne cessera de progresser dans le secret des consciences.» (B. de Margerie - «Sacre Coeur» in G. Mathon et G.-H. Baudry, *Catholicisme Hier, Aujourd'hui, Demain*, Tome XIII, Letouzey et Ané, Paris, [1993?], col.295.)

¹⁰ «Os jesuítas S. Pedro Canísio, S. Francisco de Borja, Druzicki, etc., propagam a mesma devoção e chegam a mandar desenhar um coração nas armas da Companhia (fins do séc. XVI). De maneira semelhante procedem S. Francisco de Sales e as suas Visitandinas; no século XVII esta devoção encontra-se em toda a parte. S. João Eudes, em 1670, redige uma Missa e um ofício do Sagrado Coração de Jesus, que foram aprovados pelos bispos de Coutances e Evreux, realizando-se assim, pela primeira vez, culto seu público. Assim nasceu e se enraizou a devoção do Coração de Jesus, que S. João Eudes uniu estreitamente à do Imaculado Coração de Maria.» (in Bernardo Xavier Coutinho, o. c., p.5.)

¹¹ Padre jesuíta recentemente canonizado pelo Papa João Paulo II.

¹² B. de Margerie - «Sacre Coeur», o. c., col.296.

¹³ Bernardo Xavier Coutinho, o. c., p.16.

¹⁴ Martins Capela foi professor e residiu neste seminário de 1896 até à sua ocupação pelos militares republicanos.

¹⁵ J. Barbosa Pinto-S.J., *Coração de Jesus Cristo - Apostolado da Oração (Documentos dos Prelados Portugueses)*, vol.I, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1963, p.39.

¹⁶ A. Ribeiro da Cunha, «Bom Jesus do Monte», *Enc. Luso-Brasileira de Cultura*, vol.3, Editorial Verbo, Lisboa, 1977, col.1566.

preceito em Portugal e mandou construir a monumental Basílica da Estrela, em Lisboa, ao Coração de Jesus «[...] e junto dela um mosteiro para as carmelitas reformadas. Lançou El-Rei D. Pedro III a primeira pedra ao monumento no dia 24 de Outubro de 1779.»¹⁷ A Basílica da Estrela, a primeira que se levantou em todo o mundo em honra do Coração de Jesus, foi inaugurada em 1790.

Com os sobressaltos da Guerra Peninsular e das invasões francesas (1807-1814), da Revolução Liberal (1820), das lutas liberais (1828-1834) e guerra civil (1832-1834), expulsão e confiscação dos bens das ordens religiosas (1834) e das muitas convulsões por que passou a sociedade e a igreja católica portuguesas, a devoção ao Coração de Jesus dilui-se num panorama religioso deficiente e em vertiginoso processo de transformação. Por sua vez, em 1844, em Vals (França), o P.^e Gautrelet funda o Apostolado da Oração.¹⁸ Esta associação dinamizadora da devoção ao Coração de Jesus inicia a sua actividade em Portugal em 1864, obra destacada dos padres jesuítas. A revista mensal *Mensagem do Coração de Jesus*, órgão do Apostolado da Oração, iniciou a sua publicação em Portugal em Abril de 1874, no Porto, e também é uma das obras mais significativas da Companhia de Jesus.

Face às constantes solicitações dos católicos e ao tempo de intermináveis combates, «[...] em 1856, o Santo Padre Pio IX, a pedido dos Bispos franceses que se encontravam reunidos em Paris para o baptismo do príncipe Imperial, aproveitaram a ocasião para dirigir uma instante súplica ao Santo Padre que, em resposta, estende finalmente, a toda a Igreja, a festa do Coração de Jesus, com rito *duplex majus*, por Decreto de 23 de Agosto de 1856.»¹⁹

Sendo arcebispo de Braga D. José Joaquim de Azevedo e Moura (1856-1876), em 10/8/1857 é sagrado o templo - «Santuário da Paixão» - do Bom Jesus do Monte.²⁰

Em Portugal, com a dinamização conseguida pelo Apostolado da Oração (1.^o centro em Lisboa em 1864), com a publicação da revista mensal do *Mensagem do Coração de Jesus* (Porto-1874), com a restauração das ordens religiosas tradicionais e incremento de outras, com a beatificação (1864) de Margarida Maria Alacoque²¹ e com uma certa pacificação da sociedade portuguesa, o culto do Coração de Jesus entrou em nova fase de expansão, consagrando-se o século XIX como o século da devoção ao Coração de Jesus.

A partir de 1873 os bispos portugueses consagram as suas dioceses e divulgam diversas e frequentes pastorais de devoção ao Coração de Jesus. «Em 24 de Setembro de 1873, D. Manuel Martins Manso, Bispo da Guarda, expediu uma pastoral em que determinava consagrar a sua diocese ao Sagrado Coração de Jesus. Era o primeiro exemplo dado em Portugal [...]»²² Seguiu-se-lhe a arquidiocese de Braga que, no tempo de D. António José de Freitas Honorato, foi consagrada ao Coração de Jesus em 16/5/1886. Por sua vez os pontífices fizeram divulgar inúmeras encíclicas sobre a devoção ao Coração de Jesus. Citemos algumas: *Annum Sacrum*, 1899 (Leão XIII); *Quas Primas*, 1925 (Pio XI); *Miserentissimus Redemptor*, 1928 (Pio XI); *Haurietis Aquas*, 1956 (Pio XII); *Investigabiles Divitias Christi*, 1965 (Paulo VI);

¹⁷ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, Livraria Civilização -Editora, Porto-Lisboa, 1970, pp. 444-445.

¹⁸ «[...] sous l'influence de deux jésuites, Gautrelet et Ramière, le mouvement de l'Apostolat de la Prière s'enracine dans l'ensemble du monde catholique.» (B. de Margerie - «Sacré Coeur», o. c., col.297.)

¹⁹ Bernardo Xavier Coutinho, o. c., p.48.

«Le 25 août 1856 un décret de la Sacrée Congrégation des Rites prescrit de célébrer, dans toute l'Église, la fête du Sacré-Coeur le vendredi qui suit l'octave du Saint-Sacrement. Léon XIII, le 28 juin 1889, l'élève au rite double de première classe; Pie XI, le 6 février 1929, lui donne rang de fête de première classe avec octave privilégiée. Voilà promue aux plus grands honneurs liturgiques, l'humble dévotion que, de 1697 à 1765, Rome avait voulu ignorer. C'est le triomphe.» («Coeur (Sacré)» in Charles Baumgartner-S.J. (Dir.), o. c., col.1037.)

²⁰ A. Ribeiro da Cunha, o. c., col.1566.

²¹ Foi canonizada em 1920.

²² Fortunato de Almeida, o. c., p.445.

Redemptor Hominis, 1979 (João Paulo II); *Dives in Misericordia*, 1980 (João Paulo II).²³ Estas encíclicas pontifícias procuram explicitar e actualizar a mensagem espiritual contida na devoção ao Coração de Jesus como condição e horizonte do amor do homem para com Deus e os seus semelhantes. Actualizar aqui significa ajustar a simbologia do coração aos novos tempos e enquadrar, numa perspectiva redentora, os problemas e esperanças dos homens.

A par das disposições regulamentares de bispos e pontífices, surgem iniciativas e vidas de inteira dedicação ao culto do Coração de Jesus. Assim, enquanto o padre italiano Daniel Comboni (1831-1881) funda os missionários combonianos e toma por horizonte espiritual o «Coração Trespasado do Bom Pastor»,²⁴ a Irmã Maria do Divino Coração (Münster, 1836 - Porto, 1899), religiosa alemã do Bom Pastor e superiora da casa da Congregação no Porto (1894), divulga as suas revelações e escreve, em 6/1/1899, ao Papa Leão XIII para que consagre o mundo ao Coração de Jesus. Leão XIII anuiu, da melhor forma, ao pedido da Irmã Maria do Divino Coração.²⁵

Em 1895 é inaugurado no Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, o templo ao Sagrado Coração de Jesus. Por todo o lado o culto se estende, dinamizando-se associações e levantando-se monumentos, capelas e igrejas em honra do Coração de Jesus de modo a fazer-se face ao período convulsivo da sociedade portuguesa.

Com a implantação da república (5/10/1910), a perseguição e expulsão das ordens religiosas (Out.1910), a «Lei da Separação» da Igreja do Estado (20/4/1911), o corte das relações diplomáticas com a Santa Sé (1913) e a instabilidade existente no seio da igreja católica, esta devoção sofre inúmeros contratempos. A partir, sobretudo, de 1917, com as aparições de Fátima (1917), o restabelecimento das relações diplomáticas com a Santa Sé, os horrores da guerra na Europa (1914-1918) e a viragem operada por Sidónio Pais (1917-1918), os bispos portugueses incrementam a devoção ao Coração de Jesus através de diversas normas pastorais e de consagração das suas dioceses ao Coração de Jesus.

Em Paris, em 1914, é inaugurada, na colina de Montmatre, a Basílica do Sagrado Coração de Jesus (Sacr  Coeur). Em Portugal, por ocasião do 1.º Congresso Nacional do Apostolado da Oração, a 15 de Julho de 1930, inaugurou-se o monumento ao Coração de Jesus no Monte Sameiro em Braga e em 1959 foi sagrado o monumento de Almada ao Cristo Rei.

2 - O monumento ao Bom Jesus do Monte das Más

A freguesia de Carvalheira, concelho de Terras de Bouro, entre as serras Amarela e Gerês, distende-se numa pequena colina que declina para os rios Homem e Rodas. Enquanto na sua frente, na linha do horizonte, se apresenta o mar de Viana do Castelo e o Monte de Santa Luzia, na sua retaguarda, como uma entidade protectora, ergue-se o Monte das M  s. Do Monte das M  s, numa panorâmica ímpar, avistam-se as aldeias circunvizinhas de toda a ribeira do Homem. Panorâmica excelente para quem sabe envolver-se com uma natureza pródiga em formas agrestes que, aqui, pelo

²³ J. Solano, «Coração de Jesus», *Enc. Luso-Brasileira de Cultura*, vol.5, Editorial Verbo, Lisboa, 1967, col.1697 e B. de Margerie - «Sacr  Coeur», o. c., col.302.

²⁴ P. Francisco Pierli, *O Coração Trespasado do Bom Pastor*, Editorial Além-Mar, Lisboa, 1990.

²⁵ «Pela enc  lica de 25 de Maio de 1899 [*Annum Sacrum*], consagrou o Santo Padre Leão XIII todo o g  nero humano ao Sagrado Coração de Jesus, e ordenou para o efeito certas solenidades nos dias 9, 10 e 11 de Junho do mesmo ano. Presidia então    diocese do Porto, como vigário capitular, *sede vacante*, o Dr. Manuel Luís Coelho da Silva, depois Bispo de Coimbra, o qual determinou fazer a consagra  o solene da diocese portuense ao Sagrado Coração de Jesus, em harmonia com as inten  o  es do Santo Padre; e para este efeito expediu aos párocos uma provisão datada do 1.   de Junho daquele ano.» (Fortunato de Almeida, o. c., p.445.)

seu silêncio, aspereza e imensidão nos incita a uma convivência com o sagrado e com o sentido estético da existência.

O Bom Jesus do Monte das Mós - levantado pela vontade indomável do P.^e Manuel José Martins Capela (1842-1925) que conseguiu congregiar fieis, conterrâneos e demais entusiastas das crenças tradicionais do povo português - é um singular monumento ao Sagrado Coração de Jesus semelhante a uma torre de menagem de um castelo roqueiro medieval. Esta torre de vigia simboliza e testemunha as convicções de uma comunidade de crentes. Testemunhos de fé que salpicam e rendilham o panorama cultural e espiritual português, em lugares cheios de mística.²⁶

Todos os empreendimentos significativos do P.^e Martins Capela, como seja a construção do monumento ao Coração de Jesus, têm sempre um fundo nacionalista. É telúrica e incondicional a sua relação com a história, a cultura, a religião, o povo e a terra portuguesa. Tal como um Miguel Torga,²⁷ Martins Capela é um apaixonado pela montanha e pelos laços mais ancestrais da nossa história. Como uma cruz, carrega esforçadamente o sonho místico de um mundo redimido e a saudade incontornável da «casa paterna».

O período em que decorreu a construção deste monumento foi de grandes perturbações da sociedade portuguesa. Refira-se que uma parte substancial da Igreja Católica e dos católicos portugueses se envolveram no apoio ao Nacionalismo Católico, expressão de uma filosofia neotomista com a finalidade de se unir, reorganizar, repensar a sua história mais recente e reunir forças para reporem muitos dos seus "direitos" alienados durante a revolução liberal.²⁸ Os positivistas, republicanos, socialistas, livre - pensadores, maçons e anarquistas tudo fizeram para retirar o peso que a igreja exercia sobre a sociedade civil e o Estado. Dão-se os mais diversos confrontos, destacando-se o último período do rotativismo, a governação de João Franco (19/5/1906-10/5/1907), a ditadura de João Franco (10/5/1907-1/2/1908), o regicídio de D. Carlos I e do príncipe herdeiro Luís Filipe (1/2/1908) e a implantação da República (5/10/1910).

2.1 - Pequeno esboço da obra e personalidade do Padre Martins Capela

Como uma personalidade destacada da afirmação da igreja e do neotomismo em Portugal, dinamizador das obras de apostolado social, investigador exigente e criterioso, arqueólogo consumado e um professor de reconhecidos méritos, o padre Manuel José Martins Capela (28/10/1842 - 3/11/1925) é uma referência e uma marca no período conturbado da história portuguesa na passagem do século XIX para o século XX.

Nascido na freguesia de Carvalheira, concelho de Terras de Bouro, frequenta o seminário de Braga e aí tem a sua ordenação sacerdotal no dia 26/5/1866. Com a sua viagem a Roma (1877), a colaboração literária (1870-1879) com Pinho Leal na redacção do *Portugal Antigo e Moderno* e a divulgação da encíclica *Aeterni Patris* (1879), o P.^e Martins Capela entendeu que deveria abandonar a função de pároco (1866-1880) e empreender um outro combate. Depois de ter passado (1880) pelo Colégio do Barro em Torres Vedras, noviciado da Companhia de Jesus, dedica-se ao

²⁶ Ver a propósito um belíssimo texto do Professor José Matoso sobre as pinturas rupestres do Vale do Côa: «Foz Côa: um santuário natural» in *Projecto Património* (Associação de Carácter Científico e Cultural), Queluz, n.º2, Julho 1995, pp.3-4.

²⁷ Consultar, por exemplo, *Portugal*, Coimbra, 6.ª edição, 1993.

²⁸ Consultar Manuel Braga da Cruz, *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*, Ed. Presença/G.I.S. (Col. Análise Social, 8), Lisboa, 1980; A. Pinto Cardoso, «A fundação do Colégio Português em Roma e a formação do clero em Portugal no final do século XIX» in *Lusitania Sacra* (Revista do Centro de Estudos de História Religiosa), Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2.ª série, tomo III, 1991, pp.296-297. Ver também o nosso trabalho *O Partido Nacionalista no contexto do Nacionalismo Católico (1901-1910)*, o. c., cap.II.

ensino no colégio da Formiga em Ermesinde (1880-1884), colégio do Espírito Santo em Braga (1884?-1888), Liceu de Viana do Castelo (1888-1896), Liceu de Braga (1896-1904) e seminário conciliar de Braga (1896-1912). A partir de 1912, tendo em conta a época conturbada, recolhe à sua aldeia natal para aí passar a velhice.

Embora sempre se apresentando como «presbítero bracarense» e «mestre de meninos», Martins Capela foi um incansável investigador e um apóstolo consumado. Toda a sua vida foi um combate e uma constante superação de si mesmo. Envolveu-se em múltiplas causas, animou as mais diversas acções e sempre se manteve ligado à escrita, quer na imprensa quer em obra mais elaborada.

Como arqueólogo podemos registar a sua colaboração com o Dr. Francisco Martins Sarmento (1882-1899) e a sua obra maior *Milliarios do Conventvs Bracaravgvstanvs em Portuga*²⁹ que lhe abriu as portas da Academia Real das Ciências de Lisboa, da Real Academia de História de Madrid, do Instituto de Coimbra e da presidência da secção bracarense da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses (1906-1909). Como divulgador do neotomismo em Portugal publicou trabalhos significativos como *Revista Escholio*,³⁰ *Vantagens do ensino da philosophia de Santo Thomaz e meios de divulgar este estudo*,³¹ *Opportunidade da Philosophia Thomista em Portugal*,³² *Noção Summarissima dos Principios d'Ética - Additamento aos "Elementos de Philosophia" do Dr. Sinibaldí*³³ e *De Sapientia*.³⁴ Foi latinista apurado ao traduzir *Apologeticus* de Tertuliano,³⁵ *Do Menosprezo do Mundo* de Santo Isidoro de Sevilha e *Sentenças Morais* de S. Nilo.³⁶ Pôs em livro as suas viagens a Roma de 1877³⁷ e 1900³⁸ e foi um colaborador assíduo dos principais periódicos católicos nacionais: *A Palavra* (Porto), *Correio Nacional* (Lisboa), *A Ordem* (Coimbra), *Portugal* (Lisboa), *O Progresso Católico* (Guimarães), *A Restauração* (Guimarães), *Voz da Verdade* (Braga), *Semana Religiosa Bracarense* (Braga), *Ilustração Católica* (Braga), *A Propaganda* (Braga), etc.

A acção pastoral e assistencial de Martins Capela em Viana do Castelo (1888-1896) foi muito significativa. Esteve ligado à constituição (24/1/1892) e dinamização da Conferência de S. Vicente de Paulo, foi o principal fundador (24/1/1892) e dinamizador da Congregação Escolar de S. Luís Gonzaga, obra para a juventude académica, manteve por algum tempo e procurou implantar a «sopa dos pobres», foi um incansável apóstolo da religião tradicional e da filosofia tomista. Martins Capela, contrariando algumas disposições, também foi eleito, em 19/7/1893, Comissário da Ordem Terceira do Carmo e, simultaneamente, confessor e director espiritual das religiosas carmelitas e irmãos terceiros.³⁹

²⁹ Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão, Porto, 1895.

³⁰ *O Escholio* (Revista quinzenal de M. Capela), Braga, 30/3/1888 a 15/6/1888.

³¹ In *Chronica do Segundo Congresso Catholico da Provincia Ecclesiástica de Braga*, Typ. Lusitana, Braga, 1892, pp.377-389. Este trabalho de Martins Capela também foi publicado na *Revista Catholica* (Publicação semanal ilustrada), Viseu, 1903, n.ºs 47, 48 e 50.

³² Typ. Silva Braga, Viana, 1892.

³³ Viana, 1893.

³⁴ Typ. a vapor de Arthur J. de Sousa & Irmão, Porto, 1898.

³⁵ O manuscrito desta tradução, elaborado em 1912, está inédito e encontra-se no Arquivo da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Depois de tentar, sem sucesso, a sua publicação bilingue, Martins Capela, desiludido, ofereceu-a, em Maio de 1919, à Academia das Ciências de Lisboa.

³⁶ Estas traduções estão inéditas e à espera que alguém lhes dê alguma atenção. Fazem parte do espólio de Martins Capela doado à Universidade do Minho/Biblioteca Pública de Braga, mas que, indevidamente, continuam, por ordem de Monsenhor Adelino Afonso Salgado, à guarda do Sr. Silvestre Epifânio Moreira em Carvalheira.

³⁷ *A Roma!*, Liv. Ed. Teixeira de Freitas, Guimarães, 1880.

³⁸ *A Roma! Vinte e três annos depois*, Typ. de J. M. de Sousa Cruz, Braga, 1909.

³⁹ O *Diário* de Martins Capela é uma fonte de informação insubstituível para conhecermos a sua vida e a sua obra.

No seminário conciliar de Braga (1896-1912), a par de professor de filosofia tomista e destacado elemento da igreja e cultura bracarenses, foi juiz sinodal (1900-1910), elemento da comissão de reforma do curso teológico do seminário conciliar (1909-1910), responsável pela revisão do projecto de estatutos e regulamento do seminário conciliar e destacado elemento do Nacionalismo Católico (1901-1910) e do Partido Nacionalista (1903-1910).⁴⁰

Uma das obras mais significativas de Martins Capela consistiu na participação no levantamento do monumento ao Sagrado Coração de Jesus no Monte das Mós, em Carvalheira, sua aldeia natal.

2.2 - História da construção do monumento do Monte das Mós

É ponto incontroverso que o monumento do Monte das Mós é obra destacada de Martins Capela. Como teria surgido a Martins Capela a ideia da construção desse singular monumento? Temos ideias diversas e dispersas e não uma leitura perfeitamente coerente. Começamos por referir que, na academia religiosa e literária celebrada pelo seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga, no Paço Arquiepiscopal de Braga, em 16/5/1892, para comemorar o 6.º aniversário da consagração da diocese de Braga ao Coração de Jesus, Martins Capela apresentou, em discurso solene, a *Opportunidade da Philosophia Thomista em Portugal*.⁴¹ Pelos diversos trabalhos desenvolvidos, mas sobretudo por este discurso, o Papa Leão XIII, em Outubro de 1892, elogiou Martins Capela pelos seus esforços em defesa da filosofia tomista.⁴² Por essa altura, vivendo em Viana do Castelo, Martins Capela foi acompanhando a construção do templo ao Coração de Jesus no Monte de Santa Luzia e sonhando com a sua Carvalheira. Martins Capela regista no seu *Diário* no dia 20/4/1895: «Também a Comissão do monumento ao SS. Coração de Jesus envia circular a pedir resposta da lista de subscrição. Falarei ao [...] am.º P. [José Luís] Zamith.» Por conseguinte, Martins Capela foi subscritor e colector de donativos para o templo de Santa Luzia. Segundo julgamos, foi o acompanhamento desta obra que fez germinar em Martins Capela a ideia de um singelo monumento ao Sagrado Coração de Jesus na sua aldeia natal, também no cimo de um monte. O Monte das Mós e o Monte de Santa Luzia avistam-se mutuamente, ao longe, como se a presença do Coração de Cristo se reflectisse em imagens sucessivas por toda a paisagem serrana de Portugal, tal como uma entidade protectora omnipresente.

Outro aspecto a ter em conta para a criação de condições e definição da ideia do monumento ao Coração de Jesus no Monte das Mós, foi a decisão de Martins Capela passar a sua velhice em Carvalheira. Em 1901, entrando determinado na empresa do Nacionalismo Católico e na implantação do Partido Nacionalista (1903), o padre Martins Capela, antevendo um combate violento e sem contornos previsíveis, decidiu expor o problema da passagem da sua velhice na «casa paterna», em Carvalheira, ao seu director espiritual, P.º António Borges Vieira-S.J.,⁴³ tal como nos relata no seu *Diário* no dia 24/11/1901:

⁴⁰ Para mais pormenores, concretamente a bibliografia referente a Martins Capela, consultar o nosso trabalho *O Partido Nacionalista no contexto do Nacionalismo Católico*, o. c., pp.181-184.

⁴¹ Typ. Silva Braga, Viana, 1892.

⁴² As cartas de Leão XIII ao arcebispo de Braga, referindo-se a Martins Capela, e a do Cardeal Rampolla (Secretário de Estado do Vaticano) a Martins Capela foram primeiramente publicadas (Nov. 1892) nos periódicos *O Amigo da Religião*, Braga, 11/11/1892, pp.875-877; *A Ordem*, Coimbra, 14/11/1892, p.2; *A Palavra*, Porto, 16/11/1892, p.1; *Instituições Christãs*, Coimbra, 20/11/1892, pp.289-291.

⁴³ Martins Capela teve uma ligação privilegiada aos jesuítas e a eles se assemelhava em muitos pontos: dinamismo, zelo, combatividade e culto da inteligência. Martins Capela teve como confessores e directores espirituais os padres jesuítas Luís Campo Santo, que foi Provincial da Companhia de Jesus, e

«[...] Entrei á noite para exercicios em S. Barnabé [residência dos padres jesuítas em Braga], donde saí hontem á noite p.^a vir dormir ao Seminario. Foram conferentes os R.os P.es Abranches e Vieira S.J. Nelles tractei principalmente de serestar[?] qual será a vontade de Deus, no tocante ao fim da vida. Decediu o meu director [espiritual] R.º P. [António Borges] Vieira q. podia, com segurança p.^a a m.^a salvação, recolher á casa paterna, quando impossibilitado de continuar no meu officio de mestre de meninos. Fiat. [...]»

Aceite a decisão de passar a velhice em Carvalheira, tratou logo de fazer o seu testamento⁴⁴ e iniciar as obras indispensáveis na «casa paterna», Casa de Silvestre, em colaboração com o seu irmão Alexandre Silvestre, herdeiro da casa. As obras decorreram entre 1902 e 1905 e consistiram na reformulação significativa da antiga casa e construção de uma capela para serviço religioso doméstico. A capela de S. Silvestre, consagrando o nome da casa de família, é obra integral de Martins Capela e reveladora do seu espírito harmonioso, lúcido e ilustrado. Martins Capela subsidiou totalmente e superintendeu todos os trabalhos de edificação desta capela. Nada se fez sem o seu conhecimento e sem a sua intervenção: arquitectura, plano de obras, aquisição de materiais de construção, contratação de operários, mobiliário, alfaiais religiosas, decoração e invocação. A obra de pedreiro esteve a cargo dos mestres António e Manuel Moreira, irmãos, oriundos de Espanha e residentes na freguesia de Covide, concelho de Terras de Bouro. Concluídas as obras principais,⁴⁵ a capela foi benzida em 21/9/1905 pelo próprio P.e Martins Capela, acolitado pelo seu irmão P.e João Hipólito, abade de Goães-Amare, e pelo pároco de Carvalheira, P.e José Maria Martins. Entre 31/10/1905 e 3/11/1905 a Casa Silvestre acolheu o arcebispo de Braga e comitiva em visita pastoral ao arciprestado de Amare, tendo-se realizado diversas cerimónias religiosas na capela de S. Silvestre.⁴⁶

A construção da capela da Casa de Silvestre deu a Martins Capela o saber, a experiência e o realismo para se envolver em projecto maior como foi o do Monte das Mós em honra do Coração de Jesus. Podemos afirmar que um amadureceu o outro, que um serviu de balão de ensaio ao outro e que entre um e outro não houve qualquer interregno significativo. A ideia de construção do monumento foi lançada logo a seguir ao final das obras na casa e na capela. A acrescentar a isto, como causa imediata no assumir o «projecto das Mós», há a referir o desencanto crescente com o Partido Nacionalista, sobretudo devido aos constantes jogos de poder e manobras de bastidores. A este propósito, escreve Martins Capela no seu *Diário* no dia 29/3/1906: «O caso do dia é a carta do Cons. Jacinto Candido ao conego [António] Rodrigues, annunciando q. o Hintze [Ribeiro] accordou com elle, conceder 6 deputados aos nacionalistas! Como isto anda!...» E no dia 29/4/1906, no mesmo *Diário*, continua: «Bom tempo, com leves alterações. É dia das eleições de deputados; porém cá em Braga, paz pôdre, mercê dos accôrdos.» Quando Martins Capela, um homem de causas e de princípios, começou a perder as ilusões com o Partido Nacionalista e deixou de o ver como esperança mobilizadora, virou-se para uma iniciativa mais congregadora e profícua espiritualmente.

Também não é de desprezar o facto de, em 24/3/1906, Martins Capela ter sido indigitado para presidente da delegação bracarense da Real Associação dos Arqueólogos e Architectos Civis Portugueses. A partir dessa altura Martins Capela

António Borges Vieira. Martins Capela passou pelo noviciado do Colégio do Barro (Torres Vedras) da Companhia de Jesus em 1867 e 1880. Também deve referir-se que na família de Martins Capela havia uma tradição de ligação à Companhia de Jesus, concretamente através do P.e Manuel Martins, irmão do 4.º avô de Martins Capela. Consultar *Escholio* (Revista quinzenal de Martins Capela), Braga, n.º 4, 15/5/1888, p.110.

⁴⁴ Nos papeis do espólio de Martins Capela encontramos alguns documentos testamentários. O *Diário* também nos fala de algumas disposições desta natureza.

⁴⁵ Segundo o *Diário* de Martins Capela, as imagens de S. José e de S. Luís Gonzaga só foram concluídas, em Braga, em Julho de 1906.

⁴⁶ Consultar o artigo «A Casa de Silvestre» que publicámos no jornal *Geresão-Gerês* de 20/12/1994, pp.20 e 23.

passou a animar um grupo de sócios que poderiam ser entendidos como preciosos colaboradores na edificação de um monumento.

Metódico, rigoroso, realista e perscrutando muito bem as pessoas e circunstâncias que o envolviam, Martins Capela entregou-se apaixonadamente à «obra das Mós» e levou-a até ao fim. Muitos tentaram obras até mais pequenas, mas, porque não possuíam as mesmas características de personalidade e determinação espiritual, nada conseguiram, levaram à falência ou então não realizaram condignamente um empreendimento que precisaria de melhores interlocutores. A acrescentar a isto há a mencionar a credibilidade e confiança que inspirava Martins Capela. Sem esse capital de confiança não encontraria colaboradores capazes e dedicados.

Como principal idealizador, promotor e contribuinte, Martins Capela soube tirar partido da mística do Monte das Mós. Não ferindo a paisagem nem a crista do monte, a sua ideia de construção de um monumento ao Coração de Jesus consistiu em colocar uma torre de vigia, em «forma de um castelo roqueiro e ameiado, de cantaria rusticada»⁴⁷, em cima de uns grandes penedos. A singeleza do monumento enquadrava-se perfeitamente na paisagem granítica acentuando os picos das serras da Amarela e do Gerês. Lugar aprazível e de encantamento onde o coração mais facilmente poderá falar.

«Cooperar *pro viribus suis* no levantar uma estatua ao Divino Coração de Jesus, cujos labios de frio marmore préguem com divina efficacia às gerações dos seus conterraneos, bem mais e melhor que fizeram, ou não fizeram por mofina sua, os labios remissos do pobre presbytero.»⁴⁸

Se Martins Capela escolheu o Monte das Mós para edificar um monumento religioso, não o fez por razões estritamente religiosas. Dado o amor à sua terra e a sua sensibilidade de artista, de crente e de homem de ciência, Martins Capela pretendia um projecto de grande alcance, assim o ajudassem as circunstâncias, os homens e a sua predisposição para os grandes empreendimentos. Local de rara beleza em área tão desprotegida e abandonada à sua sorte de economia de subsistência, Martins Capela queria fazer das Mós, para além de lugar de culto, um lugar do espírito estético e uma oportunidade de desenvolvimento social da região. Com Martins Capela estiveram muitas pessoas de Braga, Terras de Bouro e Carvalheira. Continuemos a citar, a este propósito, o «Boletim das Mós» de Martins Capela:

«[...] seja licito lembrar os propositos dos que á empreza metteram hombros. E foram taes, esses propositos, que logo mereceram approvação do ex.mo senhor Arcebispo Primás e de sacerdotes esclarecidos e zelosos, desta cidade [de Braga]; pois se não limitavam taes propositos a fomentar a piedade, com a devoção ao Sagrado Coração de Jesus (o que por si só seria de summa utilidade - *pietas ad omnia utilis*) mas tambem miravam ao fim altamente social de proporcionar ao povo esperança, conforto e consolação na adversidade; moderação e continencia nos raros momentos e fugitivos da prosperidade. Feliz o povo que tem a Deus como senhor. ([Nota:] *Beatus populus, cui Dominus Deus.*) Pois servil-o, é reinar. ([Nota:] *Cui servire, regnare est.*)

Attendeu-se ainda ao interesse temporal da gente d'aquellas montanhas, esperando que o aformoseamento do local, ajuntando-se ao bello alpestre da natureza, melhor attrahisse a visita de viajantes forasteiros, senão devotos peregrinos. "A primeira industria dos minhotos devia ser parecida á da Suissa ou da Riviere". Assim concluia, ha tempos, um artigo bellamente pensado e escripto, certo auctor de pulso. ([Nota:] Dr. Hugo Mastbaum, em o n.º 326 da *Gazeta das Aldeias*.) Sabem todos, quantos recursos monetarios não auferem cada anno os pobres montanhezes da Suissa, hospedando e guiando pelas paragens alpinas

⁴⁷ Martins Capela, «Monumento ao SS. Coração de Jesus», *A Palavra*, Porto, 25/9/1907, p.1.

⁴⁸ P.e Martins Capela, *No Monte das Mós em Carvalheira - Monumento ao S. Coração de Jesus* (Boletim), I, Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos, Braga, Fev.1909, pp.14-15. Este «Boletim das Mós», opúsculo de divulgação da obra do Monte das Mós, é um precioso documento complementar do *Diário*, ao qual recorreremos com frequência, uma vez que, em alguns pontos, amplia e clarifica a informação do *Diário*.

ricos estrangeiros durante o estio e o outono. É porventura a sua principal fonte de riqueza. Algo de isto procura crear entre nós uma patriótica sociedade ([Nota:] *A Propaganda de Portugal*.), bem digna de encomio e cooperação; e nenhuma das nossas montanhas melhor representa o typo alpino, que a serra do Gerez, como ainda neste anno passado se reconheceu. ([Nota:] Na grande caçada de Setembro.)⁴⁹

Outro ponto: Um varão prudente e mestre de espirito, respondeu a quem o consultava, se nisto andaria sombra de vaidade ou ambição pessoal: - Diga ao tentador: "Nem por te servir entrei nesta obra, nem por te dar gosto recuarei ..." e siga para a frente, que é como Deus quer. Nobre e alto proposito! Se dos actos, que maior applauso merecem no tribunal da propria consciencia, eliminassemos quantos nos apparecem maculados d'esse subtil pó do homem terreno, de temer é que todos fossem lançados ás urtigas. Não! *Ad majorem Dei gloriam cuncta fiant, fiant!* e para deante é, que é.»⁵⁰

A história da construção do monumento ao Coração de Jesus no Monte das Mós, em Carvalheira, está devidamente explícita nos extractos do *Diário* de Martins Capela que em Apêndice Documental se transcrevem. No entanto, para ajudar a coordenar elementos dispersos, julgamos melhor esquematizar aqui os seus principais momentos, acções desenvolvidas e intervenientes.⁵¹

No final de Maio e princípio de Junho de 1906, numa visita ao Monte das Mós, Martins Capela fez-se acompanhar por diversas personalidades para, no local, ajuizarem da viabilidade de um projecto de monumento ao Sagrado Coração de Jesus.⁵² De imediato Martins Capela expõe a questão ao Sr. Arcebispo Primaz D. Manuel Baptista da Cunha, de quem era amigo e estreito colaborador, e recebe todo o apoio e autorizações indispensáveis para a divulgação da ideia e início dos trabalhos de dinamização.

No início de 1907, tentando angariar os apoios indispensáveis, Martins Capela promove a ideia da construção do monumento ao mais alto nível e das formas mais diversas: reuniões, contactos pessoais, correio e fotografias. Nos meses de Março e Abril de 1907 Martins Capela estabelece os contactos necessários para a formação das comissões de direcção e acompanhamento das obras do monumento. Disso nos dá conta o «Boletim das Mós»:

«[...] cuidou-se na formação de uma Comissão *promotora* em Braga, depois da outra *executiva* ou de obras, já installada na localidade [de Carvalheira]. Aquella foi composta de individuos de Terras de Bouro residentes em Braga, com alguns outros, estranhos porém recommendaveis por competencia technica, actividade e amor destas coisas. Taes foram o illustre [Dr. Juiz António José de Barros,⁵³ presidente,] engenheiro Dr. João Teixeira da Silva,⁵⁴ vice-presidente, [P.e Manuel José Martins Capela, secretário,] o sr. Antonio Maria

⁴⁹ Tenha-se em devida conta que Martins Capela, escreveu muitos artigos sobre «Excursionismo» no jornal bracarense *A Propaganda* entre Maio e Julho de 1910. Martins Capela sempre se preocupou em promover social, cultural e espiritualmente a sua região. Muitos dos seus artigos em periódicos são sobre a divulgação e promoção da sua terra. Vejam-se, por exemplo, as suas memórias de infância.

⁵⁰ P.e Martins Capela, *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., pp.3-4. Neste trabalho transcrevem-se alguns textos longos deste «Boletim das Mós», inteiramente escrito por Martins Capela, para o dar a conhecer e divulgar com fidelidade os propósitos da obra ao Sagrado Coração de Jesus.

⁵¹ Consultar o artigo «Monumento do Bom Jesus das Mós» que publicámos no mensário *Geresão-Gerês*, em 20/5/1994, p.14.

⁵² As notas do *Diário* que se publicam em Apêndice Documental confirmam os dados que aqui registamos sobre a história da construção do monumento do Monte das Mós.

⁵³ Trata-se do Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça (1924-1925) António José de Barros (1850-1928), natural da freguesia de Chamoim (Pergoim), concelho de Terras de Bouro. Consultar o artigo «Juiz Conselheiro António José de Barros», que publicámos no *Geresão-Gerês* em 20/6/1994, p.12.

⁵⁴ O Dr./Eng.º João Teixeira da Silva (1867-1930) foi o principal projectista, architecto e engenheiro do monumento do Monte das Mós em Carvalheira, não querendo ser remunerado pelos inúmeros trabalhos que realizou. João Teixeira da Silva, natural de Braga (Sé), bacharel em Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra, diplomado com o curso de Engenharia Militar da Escola do Exército (1893) e atingindo o posto de coronel no ramo de engenharia, foi engenheiro director das Obras Públicas do

de Araujo, thesoureiro, e os rev.os P.es Manuel Martins de Aguiar,⁵⁵ Luiz Gomes da Silva e Camillo José de Souza,⁵⁶ vogaes. Dos nossos conterraneos, estão hoje ausentes de Braga os ex.mos snrs. Adelino Arantes, Dr. José Joaquim de Antas de Barros, P.e Sebastião Pires de Freitas⁵⁷ e P.e José Rosendo Gonçalves Arraes. Com o primeiro destes cavalheiros foram por voto unanime aggregados á commissão os rev.mos snrs. P.e José Martins Barreto, professor e reitor do Lyceu, e P.e Francisco Esteves Pereira, parcho de S. Lazaro, nossos conterraneos.»⁵⁸

Da commissão executiva faziam parte o pároco P.e José Maria Martins (presidente), António M. D. Salgado e Carneiro (vice-presidente), José Manuel Martins Capela⁵⁹ (secretário) e outras pessoas residentes em Carvalheira.

A primeira reunião da «comissão promotora» ocorreu no dia 25/3/1907. Continuemos a citar o «Boletim das Mós»:

«Installadas as commissões, e impressos os prospectos mais as listas da subscrição popular, cuidou-se da propaganda pessoal entre os rev.os parochos da ribeira do *Homem* e os da zona convisinha tanto da vertente do *Lima* como da do *Cavado*, incluindo algumas parochias da Galliza, fronteiriças do Gerez, para as quaes se recorreu á remessa postal, como para os numerosos parochos naturaes da nossa terra e collocados fóra; e bem assim para varios cavalheiros nas mesmas condições, ou conhecidos por seu zelo religioso e meios de fortuna.

Para tratar pessoalmente com os primeiros, procedeu-se a convite por grupos a uma reunião, em cada localidade central, dos rev.os parochos daquela area, aos quaes se apresentavam os prospectos, com duas palavras de explicação dos intuitos da empreza, solicitando a sua cooperação e nomeando um delles thesoureiro collector.

Foram os primeiros convites (abril de 907) aos rev.os parochos de Terras de Bouro (valle do Homem) para duas reuniões: em *Chamoim* a primeira, a segunda em *Covas*. Seguiram-se-lhes, pouco depois, em *Amares* a de *Fiscal*, e as de *Couciero* e *S. Pedro d'Esqueiros* em Villa-Verde. Foi-se depois a *S. João da Cova* para as freguezias de Terras de Bouro (valle do Cavado) e para as de Vieira da antiga *Ribeira de Soaz*. Por fins de maio foi a reunião de *Amares*, numa das salas dos Paços do concelho.

Das freguezias da vertente esquerda do Lima, do concelho da Ponte da Barca, só em fins de setembro do anno proximo passado [1908], puderam ser visitadas muito de fugida as de *Britello*, *S. Miguel d'Entre-os-Rios* e Sant'ago de *Villa Chã*. De *Lindoso* ha muito já que o rev.º parcho remettera, com a collecta dos seus parochianos, o donativo proprio. Á Galliza não se foi ainda.

E não se acobardou a gente com a categoria elevada de alguns destinatarios. Assim é que pelo correio foram enviados prospectos a todos os ex.mos Prelados do Reino. A suas magestades El-Rei Dom Carlos (que Deus tem) e Rainha Senhora Dona Maria Amelia, por ocasião da festa dos Santos Reis do anno proximo passado [1908], tambem a gente teve a honra de, pelo correio, Lhes fazer chegar ás mãos os prospectos, acompanhados de duas linhas de respectiva missiva; mal pensando que horrorosa e abominavel tragedia nos reservavam os malvados, para o 1.º de Fevereiro!

distrito de Braga, candidato a deputado do Partido Nacionalista pelo círculo de Vila Real (5/4/1908) e presidente da delegação bracarense da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, a partir de 29/11/1909, sucedendo a Martins Capela. Para mais pormenores consultar o artigo «Eng.º João Teixeira da Silva - Arquitecto do Monumento das Mós» que publicámos no jornal *Geração-Gerês*, em 20/1/1995, p.13.

⁵⁵ P.e Manuel Martins de Aguiar, conceituado sacerdote bracarense, autor de uma significativa obra pastoral.

⁵⁶ O P.e Camilo José de Sousa (1861- ?) foi prefeito do seminário conciliar de Braga, pároco de uma ou outra paróquia da cidade de Braga e destacado elemento do Nacionalismo Católico - Partido Nacionalista.

⁵⁷ O P.e Sebastião Pires de Freitas (1839?-1913?), era natural da Casa de Bento, freguesia de Covide, concelho Terras de Bouro. Companheiro de Martins Capela na peregrinação a Roma de 1877, foi pároco de Portela (Amares) e de Souto (Terras de Bouro) e conceituado pregador por mais de 20 anos. Para mais pormenores consultar o artigo «Padre Sebastião Pires de Freitas» que publicámos no jornal *Geração-Gerês* em 20/2/1994, pp.3 e 13.

⁵⁸ P.e Martins Capela, *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., pp.4-5.

⁵⁹ José Manuel Martins Capela (1846- ?) era irmão do P.e Martins Capela e regente escolar em Carvalheira.

A uma dama da primeira nobreza do Reino [Duquesa de Palmela], insigne cultora das bellas artes, enviou-se tambem a pedir modelagem para a estatua do S. Coração de Jesus.

Se nada conseguimos até hoje de tão audaciosas tentativas, não se poderá dizer com verdade ter sido por acanhamento da nossa parte; que nisto de pedir, muito vale a importunação e teimosia; e pôsto que bem melhor *sabe* dar que receber ... esmolas. Ingrata coisa é pedir, mesmo para as almas, não tanto por confessar indigencia, como por se expôr a gente a um duro **não!**

Mas se assim está o mundo, que metade delle importuna a outra metade, com elle vamos, ora pedindo ora dando.

Para engrossar o tenue fio da subscrição, aproveitaram-se alguns ensejos de solicitar donativos, como foi o das férias do Natal do anno passado [1908], donde os seminaristas voltaram á *colmeia* como as abelhas com o *pollen* e o melaço; o da «Academia» das *Associações Marianas*, em Braga, graças aos bons serviços dos seminaristas Pinto, Maia e Campos, e finalmente o dos Exercícios ao clero neste Seminario, em agosto [1908] proximo passado, no qual collaboraram os nossos illustres conterraneos, rev.os Damião Martins⁶⁰ e Manuel Luiz Pereira.

Até (vejam como é inventiva a *auri sacra fames!*) esteve eminente no anno passado pelas férias da Paschoa uma volta, com o alforge ás costas, pelos Seminarios do Reino desde Faro até Bragança!»⁶¹

Divulgando-se a ideia de construção do monumento, desenvolvendo-se a colecta dos fundos necessários⁶² e adquirindo-se os terrenos para a construção do monumento,⁶³ tudo se congregou para tornar irreversível um projecto desta natureza. Para dar notícia da evolução das obras, divulgar donativos recebidos, solicitar apoio e apelar à devoção ao Coração de Jesus, entre Maio de 1907 e Maio de 1910 Martins Capela publicou uma série de artigos (15) no jornal católico portuense *A Palavra* (1/8/1872-15/2/1911).⁶⁴ Foi neste jornal católico que Martins Capela mais combateu e melhor se apresentou como apóstolo tradicional da causa católica; foi neste jornal católico que Martins Capela mais divulgou a "sua" «obra das Mós».

Em 15/8/1907 Martins Capela, em reunião reduzida da comissão promotora, dá por aprovado o «projecto das Mós» da autoria do eng.º João Teixeira da Silva. Nesta altura também se vai pensando na estátua bem como no seu transporte.

Acerca do projecto aprovado, Martins Capela escreve no diário católico portuense *A Palavra*, em crónica sobre o «Monumento ao SS. Coração de Jesus», o seguinte:

«De novo temos o trabalho magistral do nosso engenheiro doutor Teixeira da Silva, apresentado à comissão e aprovado por unanimidade. Tem a forma (o pedestal ou pilar para a estátua) de um castelo roqueiro e ameiado, de cantaria rusticada, cuja plataforma superior é acessível por um sistema de duas escadas interiores convergentes no topo, por onde os devotos poderão subir, um a um, a beijar o pé da estátua.

⁶⁰ O cônego Damião Martins (1868-1930) era natural de Valdreu, concelho de Terras de Bouro. Foi prefeito do Colégio dos Órfãos de Coimbra, colaborador do Mons. Jerónimo do Amaral na direcção do Colégio de N.ª Sr.ª do Rosário em Vila Real, até 1910, pároco encomendado de Goães-Vila Verde e responsável pelo seminário menor de Braga, a partir de 1916. (Cf. Revista *Acção Católica*, Braga, Maio 1930, pp.159-160.)

⁶¹ P.e Martins Capela, *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., pp.5-6.

⁶² No espólio doado à Universidade do Minho/Biblioteca Pública de Braga pelos herdeiros da Casa de Silvestre de Carvalheira existe o "canhoto" dos recibos de donativos para o monumento do Monte das Mós.

⁶³ Os terrenos e os penedos foram disponibilizados por Alexandre Silvestre Martins Capela, irmão de Martins Capela, e João Dias Pisão (Paredes-Carvalheira).

⁶⁴ Os artigos publicados n' *A Palavra* e denominados «Monte das Mós - Monumento ao SS. Coração de Jesus», ou denominação semelhante, foram publicados nos dias 25/5/1907 (p.1), 21/6/1907 (p.1), 10/7/1907 (p.1), 8/8/1907 (p.1), 25/9/1907 (p.1), 5/12/1907 (p.3), 18/1/1908 (p.1), 23/5/1908 (p.2), 22/7/1908 (p.2), 16/1/1909 (p.2), 14/4/1909 (p.1), 8/5/1909 (p.1), 30/10/1909 (p.1), 16/2/1910 (p.1) e 11/5/1910 (p.2).

Atenta a relativa estreiteza da base que a coroa do penedo oferece, era um problema de não fácil solução o lançamento da escada, aliás indispensável aos votos e devoção dos fieis.»⁶⁵

A partir desta data, Martins Capela quer deixar o Nacionalismo Católico para se entregar completamente ao monumento das Mós. No dia 5/12/1907 anota no seu *Diário*: «Tenho pensado em m'exonerar do lugar de vogal da Comissão executiva do partido nacionalista, apresentando em particular ao Ex.mo Sr. Conego [António Augusto] Rodrigues o meu pedido. Estou com 65 anos, pouco feito para lidar com gente moça.» No dia 10/12/1907 acrescenta no mesmo *Diário*: «Escrevi uma carta de demissão do Centro N[acional]. de Braga ao Ex.mo Sr. Dr. conego [António Augusto] Rodrigues; e ferido appareceu-me agora no fim do jantar, m.to magoado com alias insignificante resolução minha. Foi preciso conceber q. lá usassem o meu nome (p.^a verbo de encher) e q. iria ás reuniões, q.do tivesse letra sua.»

No início de Março de 1908 põe-se a concurso a obra de pedreiro do monumento. Depois de ultrapassadas algumas dificuldades inesperadas,

«[...] no dia 30 de junho, sem nenhuma solemnidade, lá principiou o mestre Antonio Moreira o seu labor, a jornal, e pelos fins de outubro estava concluido o sôco ou base do monumento, que houve de apoiar-se em dois pés-direitos, supplementares ao penedo, para com elle formarem a plataforma basilar, com nove metros por lado do quadrado.

Com esta primeira tarefa se esgotaram os fundos da subscrição e tão a proposito que ás inclemencias da estação invernosa, que não consente trabalho naquellas alturas veiu associar-se o "embargo interposto pela casa da moeda.»⁶⁶

Em Outubro iniciam-se as negociações com o mestre pedreiro António Moreira para a construção do pilar central do monumento. As negociações culminam com o ajuste da obra já no início de 1909:

«[...] tivemos a fortuna de encontrar a cantaria mesmo junto da obra, mercê de dois corpulentos penedos, esquartejados a primor pelo mestre [António] Moreira. Tambem com este ajustou a comissão promotora [por 1.120\$000 reis]⁶⁷ no dia 9 do corrente janeiro [de 1909] a empreitada parcial do pilar até á base da estatua, menos o escadorio exterior e o patim do cimo.»⁶⁸

A 19/2/1909 Martins Capela começa a distribuir o seu «Boletim das Mós». A 15/10/1909 terminam as principais obras do pilar do monumento.

Os peditórios feitos por Martins Capela e pelos párocos foram diversos e insistentes. Pelo que descreve Martins Capela no seu *Diário*, os contributos mais significativos foram de figuras destacadas da igreja ou de uma certa aristocracia. As listas de «subscrição popular a 20 reis cada pessoa» não conseguiram arrecadar capital significativo. Dada a situação social, não foi fácil angariar fundos para o monumento do Monte das Mós. A este propósito, prevendo as dificuldades na execução da obra, referia já Martins Capela no seu «Boletim das Mós»:

«E como, por supposto, estatua tampouco haverá não tendo havido o mais, iremos um dia com dois carpinteiros de machado ao carvalho mais corpulento e robusto da nossa terra, e do cerne delle será feita uma cruz solida e grande para ser arvorada no alto do pilar com tamanha firmeza e segurança, que por muitos annos zombe dos vendavaes e da acção destruidora dos invernos.»⁶⁹

Em Março de 1910 são plantados cerca de 50 eucaliptos no Monte das Mós como medida de arborização e embelezamento do local. A 2/4/1910 Martins Capela

⁶⁵ A *Palavra*, Porto, 25/9/1907, p.1.

⁶⁶ No Monte das Mós em Carvalheira (Boletim), o. c., p.13.

⁶⁷ Segundo refere Martins Capela no seu *Diário* de 29/10/1908, os mestres pedreiros António e Manuel Moreira haviam proposto 1.220\$000 reis pela empreitada.

⁶⁸ No Monte das Mós em Carvalheira (Boletim), o. c., p.13

⁶⁹ *Ibidem*, p.15.

encomenda a escultura modelo (maqueta) da estátua do monumento ao escultor bracarense Vieira.⁷⁰ A 22/9/1910 o escultor Vieira dá por terminada a escultura em madeira. A 23/9/1910 Martins Capela começa a distribuir o n.º 2 do seu «Boletim das Mós».⁷¹

No Verão de 1911 prosseguem as obras de pedreiro. Tardando a conclusão da obra, em 3/10/1911 é colocada uma cruz de madeira no pilar do monumento.

Como Martins Capela, em 31/12/1911, regressasse ao seminário conciliar de Braga (Largo de Santiago) para continuar o seu exercício de professor de filosofia tomista e como o seu *Diário* permanecesse em Carvalheira, nenhuma nota sobre as Mós lançou nele de modo a elucidar-nos, hoje, sobre as obras realizadas no decurso do ano de 1912. Julgamos que prosseguiram as obras de pedreiro do varandim e do escadório exterior.

Na pedra lavrada do pilar do monumento foi fixado o seguinte texto:

COR IESV FLAGRANS AMORE
NOSTRI INFLAMA COR NOSTRVM
AMORE TVI

CHRISTI FIDELIVM PECVNIA
DEI GRATIA OPITVLANTE
ADSVRREXIT OPVS

ANNO REPARATAE SALVTIS
MCMXII

De 9 a 12 de Junho de 1913 a estátua, encomendada anteriormente, é conduzida, desde Braga até ao Monte das Mós, pela estrada romana da Geira.⁷² A estátua é um bloco único de mármore vindo de Montelavar (Sintra) e foi obra do marmorista bracarense Teixeira.

Finalmente a inauguração solene do monumento do Monte das Mós realizou-se no dia 13 de Julho de 1913. As cerimónias da bênção solene da estátua e da celebração da missa campal foram presididas pelo cônego Dr. António José Pires Dias de Freitas, oriundo da vizinha aldeia de Covide.⁷³

Devido à idade, falta de subsídios e instabilidade política e social, Martins Capela não chegou a completar os trabalhos de enquadramento do monumento das Mós: arranjo da área envolvente, acessos, arborização do monte, etc. Pode dizer-se que, tal como Martins Capela deixou a obra assim se encontra hoje, exceptuando-se um ou outro pormenor secundário. Hoje ainda se vê a lagareta da cal, indício de uma obra abandonada.

2.3 - A devoção ao Coração de Jesus do Monte das Mós

⁷⁰ Julgamos tratar-se do escultor José Evangelista Vieira. Consultar *Ilustração Catholica*-Braga, 11/7/1914, capa.

⁷¹ Não conseguimos encontrar este n.º 2 do «Boletim das Mós».

⁷² Consulte-se, no Apêndice Documental, o relato sentido e minucioso que Martins Capela faz no seu *Diário*.

⁷³ O Dr. António José Pires Dias de Freitas (? -1934), natural de Covide (Casa do Passadiço), concelho de Terras de Bouro, formado em Direito pela Universidade de Coimbra e pároco de Adaúfe-Braga durante muitos anos, foi, conforme a inscrição existente no seu túmulo em Covide, «Cónego capitular da Sé Primacial, Desembargador da Relação Eclesiástica, Promotor da Justiça, Oficial da Cúria e Governador do Bispado na ausência do Prelado.» Consultar os artigos que publicámos no jornal *Geresão-Gerês* nos dias 20/11/1993 («A Casa do Passadiço», p.14), 20/12/1993 («O Cônego Dr. António de Freitas», p.22) e 20/1/1994 («Os padres da Casa do Passadiço, p.12»).

No decurso da construção do monumento do Monte das Mós, Martins Capela esforçou-se por divulgar e afirmar a devoção ao Coração de Jesus. Escreveu em jornais,⁷⁴ divulgou o seu «Boletim das Mós», dinamizou actos religiosos e de piedade em Carvalheira e procurou sensibilizar a população local para a causa do Coração de Jesus através de reuniões frequentes com os párocos e com a população.⁷⁵ Segundo pensamos, uma das formas de sensibilizar a população foi promover a sua «veia poética» através da elaboração de quadras populares. Julgamos que Martins Capela não se limitou a transcrever as quadras que o povo criava, mas que teve alguma intervenção nesse domínio. Martins Capela sentia uma muita viva inclinação para uns «versinhos» e uns «sonetinhos», apesar da sua assumida condição de «presbítero bracarense» o obrigar a fugir dessas veleidades estéticas. Em Viana do Castelo (1888-1896) Martins Capela também se socorreu de uns «versinhos» para cativar a juventude académica. Citemos as quadras populares que conhecemos:

«O Nosso Senhor das Mós
Beu toda a estrada da Geira
A abençoar todo o mundo
Foi parar a Carvalheira.»⁷⁶

«O Bom Jesus das Mós
Já passou pela Geira
Abençoou todo o mundo
Mas primeiro Carvalheira.»⁷⁷

«O Bom Jesus das Mós
Ao alto foram pôr
Entre tojos e carquejas
E fraguinhas ao redor.»⁷⁸

«Senhor Bom Jesus das Mós,
Em Carvalheira adorado,
Has-de ser por todos nós
Sempre bemdicto e louvado.»⁷⁹

A forma como foi concebido o monumento possibilita uma intimidade do crente com o Coração de Jesus. No cimo de um pilar, em espaço reduzido, com uma imagem de Cristo que se eleva e envolve, rodeado de silêncio e por uma paisagem encantatória, o crente fica a sós com o «Coração Trespasado de Cristo» e interpelado pelo Seu amor infinito. O crente funde-se com a natureza física inebriante e a natureza divina incomensurável. Quando há prece, é perfeito o quadro da relação mística com o Bom Jesus, tendo por aconchego e envolvimento o olhar clemente do Bom Jesus e o infinito azul da abóbada celeste. Um encontro destes pode muito bem ser etéreo e indefinível.

⁷⁴ É o caso dos 15 artigos publicados no periódico católico *A Palavra*, entre 25/5/1907 e 11/5/1910, e atrás referidos em nota de rodapé. Também n' *A Palavra* de 11/6/1909 (p.2) Martins Capela publicou um artigo («Coração Santo») de devoção ao Coração de Jesus. No periódico católico bracarense *Voz da Verdade*, de 30/5/1907 (pp.258-259), foi publicado um artigo intitulado «Senhor Jesus do Monte das Mós», onde se anuncia a construção do monumento do Monte das Mós.

A devoção de Martins Capela ao Coração de Jesus não é acompanhada por uma grande reflexão teórica e doutrinal, divulgada em opúsculos ou desenvolvidos artigos de jornal. A devoção de Martins Capela é mais emocional que racional, mais sentida que reflectida doutrinalmente.

⁷⁵ Consultando o «Boletim das Mós» ficamos com a sensação de estarmos perante um apóstolo, um peregrino ou, como se intitulava a si próprio nos seus *Milliarios* (1895, pp.15-16), um D. Quixote.

⁷⁶ Quadra referida pela Sr.^a Eufemia Rodrigues da Silva Cosme, da freguesia de Covide, em 20/11/1995.

⁷⁷ Quadra referida pela Sr.^a Flormina Rosa Martins Capela (1901-1992), sobrinha do P.e Martins Capela.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ *No Monte das Mós em Carvalheira* (Boletim), o. c., p.14 e *Diário* de Martins Capela de 4/12/1908.

O projectista deste monumento (eng.^o João Teixeira da Silva) e o seu idealizador (Martins Capela) souberam interpretar excelentemente a mística da relação do crente com o Bom Jesus. Este monumento encerra um espírito do lugar e uma magia muito própria. Aqui o sagrado não se impõe, surge com naturalidade e transparência. Também o culto dos deuses na Grécia clássica surge sempre em locais deslumbrantes: Acrópole de Atenas, Delfos, Cabo Sounion, etc. A construção de edificações religiosas no cimo dos montes remonta a uma prática de sacralização dos pontos estratégicos das zonas humanizadas. Os pontos altos, no cimo dos montes, surgem como «lugares fortes» e protectores.⁸⁰

Inaugurado o monumento, Martins Capela, já refugiado por velhice na sua aldeia, esforçou-se por dinamizar a devoção ao Coração de Jesus. Vários actos de piedade e devoção dinamizou Martins Capela em Carvalheira.⁸¹ As Mós transformaram-se em centro de romagem das freguesias vizinhas, arciprestado de Terras de Bouro. Por sua vez, sempre que as forças físicas permitiam, Martins Capela fazia uma visita diária ao monumento das Mós. Quando a velhice ou a doença não lhe permitiam tão grande e tão custosa viagem, ia até a um pequeno morro perto de sua casa, donde devisava o monumento e aí, diariamente, orava. Esta cena de oração de Martins Capela ainda hoje está viva na população local.

Falecido Martins Capela em 1925, a «festa das Mós», iniciada com a inauguração do monumento do Bom Jesus em 13/7/1913, continuou com a dinamização que o pároco e a aldeia conseguiam. A seguir à romaria de S. Bento da Porta Aberta, a «festa das Mós» chegou a ser uma das maiores festas do arciprestado e concelho de Terras de Bouro. Por muitos anos, esta festa, normalmente no mês de Junho, congregou todo o arciprestado de Terras de Bouro. Era uma festa religiosa de raiz inteiramente popular em zona inóspita e com difíceis acessos. Esta festa do Coração de Jesus, festa móvel realizada num domingo, constava de um tríduo durante a semana anterior e, no dia da festa, de uma peregrinação ao Monte das Mós seguida de missa campal rezada do varandim do monumento e terço na igreja da freguesia. Todas as freguesias do arciprestado - ribeira do Homem do concelho de Terras de Bouro - participavam com cruz paroquial e bandeira do Coração de Jesus.

Martins Capela pretendia que o lugar fosse de contínua peregrinação de toda a área minhota, mas os tempos não estão a fazer-lhe a vontade. Na década de setenta decaiu muito a festa e depois de 1974 a situação piorou. Presentemente há uma pequena celebração que de tão pequena até parece envergonhada. O discreto altar que levantaram no sopé do monumento, entre penedos, indica o reduzido número de fieis participantes na festa, deixando-se assim de celebrar missa campal do varandim do monumento. Hoje, em tempo de aberta contestação da religião como imposição exterior e do padre como funcionário, a dinamização das festividades passou a ser feita pelos fieis e com a participação destacada dos jovens. Abriu-se a festividade ao domínio mais secular e profano.

2.4 - A situação actual do monumento do Monte das Mós

O monumento ao Bom Jesus foi a primeira, mas não é a única edificação religiosa no Monte das Mós. Ao longo do tempo, como se o Monte das Mós ficasse sacralizado com a inauguração do monumento ao Bom Jesus, foram-se realizando diversas obras de cariz religioso: capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade, capela do Imaculado Coração de Maria e Via Sacra. Note-se que nenhuma das edificações realizadas se sobrepõe ao monumento quer seja na sua localização, dimensão,

⁸⁰ Consulte-se Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s.d., pp.35-60 («Espaço Sagrado e Sacralização do Mundo»).

⁸¹ A imprensa fez eco de algumas dessas iniciativas. Consultar *Voz da Verdade* (Revista Religiosa), Braga, 30/10/1913, p.546.

animação religiosa ou mesmo história. Enquanto o monumento ao Bom Jesus está implantado na crista do monte as outras edificações distribuem-se pelas encostas do monte como se fossem tuteladas pelo Coração de Cristo. Assim, segundo informações diversas,⁸² é atribuído a Martins Capela o levantamento da capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade, a meio da encosta do Monte das Mós, na sequência do monumento ao Bom Jesus.

Por sua vez, interpretando a obra de Martins Capela e meditando, o antigo pároco de Carvalheira, P.^e Manuel Ribeiro Alves, atento aos «sinais dos tempos», descobriu e concretizou algo que se poderá considerar como continuação e complemento do projecto de Martins Capela para o Monte das Mós. Nestes termos, dada a sua devoção a N.^a Senhora e a participação no movimento Schönstatt⁸³ («Mãe três vezes Admirável») do P.^e Josef Kentenich,⁸⁴ o P.^e Manuel Ribeiro Alves⁸⁵ promoveu, no sopé do monumento ao Coração de Jesus no Monte das Mós, a construção de uma capela ao Imaculado Coração de Maria. O P.^e Manuel Ribeiro Alves também teve presente uma afirmação de Jacinta à sua prima Lúcia - videntes de Fátima -, por ocasião da sua última despedida em Fátima, um mês antes da sua morte: «Vais ficar mais algum tempo no mundo para dizer a toda a gente que Nosso Senhor quer ver venerado ao lado do Seu Coração o Imaculado Coração de Maria e que nos concede todas as graças por meio do Seu Imaculado Coração».

Porque se estava na altura da construção da albufeira de Vilarinho das Furnas, a Companhia Portuguesa de Electricidade (CPE) disponibilizou meios materiais e técnicos para a construção da capela ao Imaculado Coração de Maria. Assim, contrariando o adequado granito do monumento ao Coração de Jesus e o respeito pelos materiais da região, a capela foi edificada em betão armado cedido pela CPE. Em cerimónia presidida pelo então bispo auxiliar de Braga, hoje Cardeal Patriarca de Lisboa D. António Ribeiro, foi benzida a primeira pedra em 21/1/1968. Uma vez que a povoação de Vilarinho das Furnas ia ser submersa pelas águas da albufeira, o sino da sua capela de N.^a Sr.^a da Conceição foi levado para a capela do Imaculado Coração de Maria. A imagem do Imaculado Coração de Maria foi benzida em Roma no dia 12/5/1971 pelo Papa Paulo VI. Na viagem a Roma para a bênção da imagem, com passagem por Schönstatt, o P.^e Manuel Ribeiro Alves fez-se acompanhar por uma sobrinha em 3.^o grau do P.^e Martins Capela, Manuela Carvalho de Sousa, religiosa dominicana de Santa Catarina de Sena.⁸⁶ No dia 13 de Maio a imagem esteve em Fátima e no dia 15 chegou a Carvalheira.

Sobretudo com as iniciativas do P.^e Manuel Ribeiro Alves, o Monte das Mós abriu-se ao culto mariano, sinal de um tempo em que o culto ao Coração de Cristo se alarga integrando o Coração de Maria. Entendeu-se que a simbologia do coração resultaria muito restrita se não integrasse o Coração de Maria, atendendo ao tempo de clivagem entre os cultos católico e protestante. Nos países católicos o culto mariano está intimamente associado à obra redentora de Cristo. O culto mariano em Portugal tem uma história muito rica e traços muito definidores, sobretudo a partir das «aparições de Fátima».

Para além da capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade e da capela do Imaculado Coração de Maria, no Monte das Mós, entre a base do monte, junto à povoação, e o monumento do Bom Jesus, também existe uma Via Sacra. Esta obra foi realizada nos anos 80, no tempo do saudoso P.^e Avelino Barros da Silva (1/8/1944 - 10/11/1995).

⁸² Estas informações, não devidamente confirmadas, foram recolhidas na aldeia de Carvalheira.

⁸³ Schönstatt é uma pequena povoação alemã perto de Koblenz, cerca de 80 Km. a Sul de Colónia.

⁸⁴ O P.^e Josef Kentenich foi perseguido por Hitler e prisioneiro do campo de concentração de Dachau.

⁸⁵ O P.^e Manuel Ribeiro Alves, autor de uma obra pastoral ímpar, é um dos principais mentores e dinamizadores do movimento Schönstatt em Portugal.

⁸⁶ As informações aqui apresentadas sobre a capela do Imaculado Coração de Maria no Monte das Mós foram amavelmente fornecidas pelo P.^e Manuel Ribeiro Alves e pela religiosa dominicana Manuela Carvalho de Sousa.

Todas estas edificações religiosas coexistem em ambiente de uma religiosidade que se vai afirmando espontaneamente, fruto de circunstâncias diversas e não tanto em função de uma ideia central e coordenadora. Outro tanto se poderá dizer das obras de acesso ao Monte das Mós: início e destruição de um escadório e construção de caminhos de acesso aos edifícios religiosos.

Há já algum tempo chegou a iniciar-se a construção de um escadório em granito entre a capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade e o monumento ao Bom Jesus. Por muito tempo estiveram abandonados três lanços de escadório de uns 10 degraus cada, à espera de continuação, mas aquando da construção da capela do Imaculado Coração de Maria os degraus do escadório foram utilizados nos muros envolventes dessa capela.⁸⁷ Julgamos que a louvável ideia inicial de construção de um escadório não foi entendida pelos zeladores subsequentes do Monte das Mós. Quanto aos acessos ao Monte das Mós, continua-se à espera de uma definição pois são muito deficientes e incoerentes.

Falando-se agora do estado de conservação dos edifícios religiosos do Monte das Mós, podemos afirmar que, à excepção da Via Sacra, todos estão a necessitar de obras urgentes de manutenção, conservação e restauro. Em região tão serrana e afastada dos grandes centros populacionais como o é a freguesia de Carvalheira, tudo é mais lento e mais sujeito à acção nefasta do tempo. É lamentável a incúria e a ausência de medidas concertadas de preservação do património cultural.

Focando concretamente o estado de conservação do monumento do Bom Jesus, poderemos dizer que ele só continua inteiro por «milagre» uma vez que a presente instalação do pára-raios não obedece às normas mínimas de segurança, fim para o qual foi criada em região tão dada a trovoadas e no cimo de um monte. Respeitando-se plenamente a traça e ideia originais, este monumento está a precisar de obras urgentes de limpeza, restauro, conservação, consolidação e enquadramento. Já foi lançado o alerta, mas parece que as dificuldades são várias e difíceis de contornar. O desleixo é grande e só um grave desastre acordará as consciências adormecidas.⁸⁸ Diga-se que o monumento do Monte das Mós não se confina a Carvalheira, não recaindo sobre esta freguesia a obrigação e os encargos de uma obra que exigirá alguns meios para um capaz restauro, mas a ela caberá alertar e amar o que está na sua terra. Por outro lado, é de notar que um monumento desta natureza nunca se poderá remeter exclusivamente ao seu núcleo central. A envolvente é essencial de modo a poder usufruir-se plenamente deste monumento. Martins Capela tinha consciência plena da obra inacabada que era este monumento, mas mais não pôde nem lhe permitiram as suas forças. Conforme ficou e está, citando-se uma quadra popular alusiva, aqui já transcrita, o monumento encontra-se «Entre tojos e carquejas / E fraguinhas ao redor».

Dadas as suas características e situação, o monumento do Bom Jesus do Monte das Mós, nos contra-fortes das serras Amarela e Gerês, é um dos miradouros mais encantadores do concelho de Terras de Bouro. Para se usufruir uma boa paisagem, Martins Capela recomendava a subida ao pilar no decurso da manhã, quando o sol se apresenta pelas costas do visitante que desfruta a paisagem em direcção ao mar de Viana do Castelo. Tendo isto em conta, se não é motivação

⁸⁷ Informações prestadas pelo Sr. António Maria Soares, natural e residente em Carvalheira.

⁸⁸ Por altura dos 80 anos do monumento, em 16/1/1993, chamámos a atenção para o problema enviando umas sugestões de consolidação e enquadramento do monumento ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro, a todos os párocos e a todos os presidentes de Junta de Freguesia do concelho de Terras de Bouro. Mais tarde, considerando grave a deficiente instalação do pára-raios e as fissuras que apresenta o encosto do escadório lateral ao pilar, reforçámos a chamada de atenção através de um artigo publicado no jornal *Geresão-Gerês* de 20/5/1994. Parece-nos que, devido ao receio de algum incêndio, apenas cortaram o mato que envolvia a capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade. Apesar de tudo isto, têm-se feito algumas movimentações com o sentido da recolha de donativos para as obras de restauro do monumento do Coração de Jesus.

suficiente o culto ao Coração de Jesus ou a perspectiva religiosa, porque não ver o Monte das Mós como um local de rara beleza destinado a recreio e a roteiro espiritual e cultural? O realismo de Martins Capela levava-o a encarar o Monte das Mós numa perspectiva estética, cultural e até económica, tratando-se de uma região tão inhospita e abandonada. A espiritualidade em Martins Capela não se restringia aos aspectos mais marcadamente religiosos.

Pelo conjunto de edifícios religiosos, o Monte das Mós está sacralizado e deverá estar livre de outras edificações ou obras. Por sua vez, o Monte das Mós forma um todo a necessitar de clarificação. Qualquer obra num dos edifícios deverá ter em conta os restantes. Pelo que se pode observar e atendendo à história dos vários edifícios religiosos da freguesia de Carvalheira, o monumento do Coração de Jesus, a capelinha de N.^a Sr.^a da Soledade e o calvário, junto ao cemitério, estão alinhados. Serve esta referência para dizer que qualquer plano de ordenamento do Monte das Mós deverá ser devidamente elaborado e pensado num geometrismo que poderá estar oculto, mas existente e imperceptível como convém a algo espiritual. Entre os vários edifícios deverá haver uma relação implícita para que o conjunto do monte das Mós resulte organizado, unitário e com sentido. O espiritual nunca se revela de uma só vez e de uma forma ostensiva.

APÊNDICE DOCUMENTAL

3 - O Bom Jesus do Monte das Mós no *Diário* do Padre Martins Capela

OBS. – Na revista *Lusitania Sacra* aparecem os extractos do *Diário* de Martins Capela respeitantes à edificação deste monumento, coisa que se dispensou aqui.

Amaro Carvalho da Silva
20/5/1996